

A estética do leitor visível: uma análise do discurso midiático sobre a leitura no BookTok

The aesthetics of the visible reader: an analysis of the media discourse on reading in BookTok

Milva Alves Magalhães ¹ 
Janaina de Jesus Santos ² 

RESUMO

Neste artigo, exploramos a comunidade de leitores BookTok como balão de ensaio para as mudanças em curso na leitura. Com essa abordagem, analisamos discursos em circulação na grande mídia, na tentativa de compreender determinações que sustentam uma inesperada convergência entre a cultura digital e a leitura impressa. Subsidiadas teoricamente pelos estudos foucaultianos da linguagem e em contribuições de autores como Bauman (2021), Chartier (1999) e Debord (1997), interpretamos marcas textuais e imagéticas representativas do efeito atribuído à plataforma midiática na promoção da leitura impressa e produção de leitores, recortadas da reportagem *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers*, da BBC News (2024). Constatamos, na acumulação de positivities numericamente justificadas, sinais da homogeneização de lógicas não equivalentes que recompõem representações consensuais historicamente produzidas, face a novas pluralidades abertas ao audiovisual. Identificamos, na tração gerada pela comodificação do desejo e na estetização da experiência leitora, a instrumentalização algorítmica da leitura, capitalizada como prática de fruição feminina, capaz de oferecer alternativas personalizadas à problematização da leitura como direito. Ao colocar em questão a novidade como garantia de valor, consideramos que é a lógica algorítmica – e menos o desejo individual – o fator determinante para a alegada transformação de jovens em leitores nesse espaço discursivo de produção e reprodução de hábitos e gostos de um “leitor visível”. Assim, ante aos desafios, possibilidades e limitações que cercam o contato com o escrito sob o paradigma das redes sociais, defendemos a atuação integrada de múltiplas instâncias na formação crítica do leitor jovem.

Palavras-chave: BookTok. Discurso. Leitura.

ABSTRACT

This study examines the BookTok reading community as a testing ground for ongoing shifts in reading practices. It analyzes mainstream media discourses to explore the conditions behind an unexpected convergence between digital culture and print reading, drawing on Foucauldian approaches to language and on the works of Bauman (2021), Chartier (1999), and Debord (1997). The analysis focuses on textual and visual markers that illustrate the platform's perceived role in promoting print reading and fostering readership, based on excerpts from the BBC News (2024) feature *BookTok: How TikTok Is Turning Young People into Readers and Authors into Best-Sellers*. The findings indicate that numerically justified positivities reveal signs of homogenizing, non-equivalent logics that reshape historically constructed consensual representations in response to new audiovisual pluralities. The traction generated by the commodification of desire and the aestheticization of reading points to the algorithmic instrumentalization of reading — marketed as a form of feminine enjoyment — offering personalized alternatives to traditional framings of reading as a right. By challenging novelty as a marker of value, the study argues that algorithmic logic, rather than individual desire, drives the alleged transformation of young people into readers within this discursive space, which produces and reproduces the habits and tastes of a “visible reader.” Amid the possibilities and challenges posed by engaging with written texts in the context of social media, the article advocates for the coordinated involvement of multiple actors in fostering the critical development of young readers.

Keywords: BookTok; Discourse; Reading.

¹ Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Docente da rede pública de ensino do Estado da Bahia e do município de Tanque Novo/BA. Tanque Novo/BA. Brasil. E-mail: milvatn1@gmail.com

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Docente na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Vitória da Conquista/BA. Brasil. E-mail: janaina.santos@uesb.edu.br.

1 TELA, PAPEL E DISCURSO: UMA INESPERADA CONVERGÊNCIA À LEITURA IMPRESSA

A prática da leitura mantém um estreito vínculo com a novidade e as múltiplas possibilidades de comunicação que surgem das mais avançadas tecnologias de propósito geral, como as redes sociais digitais e as inteligências artificiais generativas. Ao longo da história, a produção de representações e significados sobre esse tema sempre foi forçada pela invenção, à medida em que esta transgride formas tradicionais de comunicação do escrito e remodela, em diferentes níveis e intensidades, a nossa relação com a leitura. Por meio de sucessivos deslocamentos e sobreposições, a tensão gerada pelo encontro de imposições originárias de diferentes campos do saber, como o impresso e o digital, pulveriza noções como as de leitor, escritor e livro, antes mesmo que elas possam se fixar a cada novo suporte. Então, o elo entre leitura e a novidade assim constituído não está livre de atrito e mostra-se inseparável de efeitos que ele próprio gera sobre a relação do leitor com essa prática (Chartier, 1999, p. 16).

Na condição de sujeitos histórico-sociais, não estamos alheios às consequências do imbricamento das determinações não equivalentes derivadas da fricção de experiências – como as que mesclam, por exemplo, tela e papel – muito em razão do nosso contato diário com discursos que “circulam socialmente com estatuto de verdade” (Curcino, 2018, p. 226). Ao mobilizar racionalidades e interesses que estruturam o contexto de sua produção, os discursos organizam e delimitam as práticas de que falam, funcionando como agenciadores do enunciável. Nessa função, condicionam tanto as possibilidades do dizível e seus atores, quanto a regularidade com que certos temas são visibilizados ou apagados da trama discursiva, moldando a relação entre o sujeito e a prática.

Seu funcionamento, embora permeável à contestação da novidade e da tradição como garantias unívocas de valor, baseia-se na aceitação de representações consensualmente produzidas e veiculadas sobretudo pelos discursos hegemônicos, entre os quais se destacam aqueles ressoados pela mídia. No campo da leitura, do quanto normalmente vem sendo discursivizado sobre essa prática, ganha relevo uma inesperada convergência entre o vídeo e o livro em papel, que tem na rede social BookTok um ponto de encontro. Essa articulação, propagandeada pela grande mídia como “fenômeno”, envolve novas pluralidades leitoras, cada vez mais econômicas e abertas ao audiovisual, representativas de relações sociais digitalmente mediadas e das mudanças em curso na leitura.

Então, no cenário em que diversas instâncias concorrem para a constituição do leitor, sobre o qual fazem incidir interesses próprios nem sempre conciliáveis, o BookTok assume a função de vedete literária do seu tempo, reconfigurando a comunicação do livro impresso, segundo regras de sociabilidade agenciadas pelo algoritmo. Especializada na circulação de vídeos curtos sobre o universo literário, essa plataforma digital influencia comportamentos, alavanca vendas e se consolida como uma seção do ambiente digital propícia à leitura impressa. Sua característica de espaço descentrado da expressão da subjetividade leitora conecta esses efeitos catalíticos ao uso estratégico de móveis como imagem, velocidade e novidade, cuja disseminação é garantida por um sofisticado mecanismo interno de recomendação personalizada e rolagem infinita de conteúdos. Dotado de uma dinâmica de viés confirmatório, e potencialmente manipulável, o algoritmo realiza a entrega de conteúdos cada vez mais ajustados ao gosto do usuário, originando bolhas de conteúdo que se fecham sobre interesses particularizados. Por seu turno, tais conteúdos são minerados de forma não aleatória em um oceano de vídeos

pouco vistos, segundo uma lógica algorítmica interessada no consumo passivo de determinadas visibilidades, produzindo e reproduzindo hábitos e gostos literários que substituem o desejo por seu equivalente “já desejado” (Chartier, 2022, n.p).

Com isso, ao explorar essa zona cinzenta entre autonomia e controle social, cujas interações mescladas impostas pelo paradigma das redes sociais turvam a visada midiática acerca da leitura, o objetivo deste artigo é descrever e interpretar universais que sustentam e atualizam a relação do leitor contemporâneo com essa prática, a partir de enunciações da mídia sobre a plataforma BookTok. Avançando neste propósito, buscamos compreender a relação entre a consensualidade que cerca e recombina representações historicamente produzidas e os efeitos subjetivantes de sua reiteração na constituição do leitor, evocados em marcas textuais e imagéticas que povoam as páginas do noticiário³.

Nesse sentido, face à complementariedade entre discurso e mídia na produção social dos significados, adotamos uma perspectiva foucaultiana para mapear e interpretar os efeitos subjetivantes da enunciação midiática em relação aos temas da leitura e aos modos de ser leitor. Representativa do arquivo, a matéria *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers*, publicada em 16 de abril de 2024, no portal BBC News Brasil (Machado, 2024), reitera o consenso jornalístico eufórico em torno dessa plataforma. Sua escolha deve-se, então, à amplitude de aspectos que concentra sob a forma de regularidades enunciativas verbais e imagéticos comuns ao arquivo, composto de produções sobre essa comunidade de leitores publicadas na internet nos últimos cinco anos, entre 2019 e 2024.

Nas análises, mobilizamos princípios dos estudos discursivos da linguagem pensados por Foucault (2022, 2010a, 2010b), articulando-os às contribuições de Bauman (2021) e Debord (1997) sobre a *modernidade líquida* e a *sociedade do espetáculo*, respectivamente. Com relação à História da Leitura, apoiamo-nos nas ideias de Chartier (1988, 1999). Por último, quanto aos discursos sobre a leitura em sua relação com a mídia e a realidade brasileira, recorremos aos estudos de Curcino (2020a, 2020b, 2022, 2023). Em conjunto, essas teorizações do funcionamento da realidade social subsidiam o movimento analítico de ingressar no jogo de regras que governam a produção dos discursos no mundo digital, em vista de compreender os atravessamentos que pontilham a leitura e o tipo de leitor em constituição.

2 UMA BREVE SONDAGEM NO ARQUIVO DIGITAL

Aclimatar os ditos de Foucault ao ambiente digital e à economia da novidade que movimenta a sociedade tecnológica implica em fazer ranger seus textos e calibrar seus conceitos, de modo que possam render em domínios para os quais não foram originalmente concebidos como produtivos. Conforme observa Possenti (2009, p. 169-179), tal calibragem não apenas é possível, mas recomendada pelo próprio filósofo, dada a natureza relacional e mutável do poder. Além disso, o pensamento foucaultiano está assentado no domínio da palavra, e a transição para uma cultura digitalmente influenciada – convergente com a linguagem imagética das telas – implica maior latitude

³ As mudanças em curso na leitura são exploradas em mais detalhes na dissertação de mestrado *De volta para o futuro da leitura: uma navegação pela infinitude BookTok e o devir do sujeito-leitor*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

e diluição dos discursos e das relações de poder que regulam a vida em rede, atravessando e constituindo o sujeito (Gregolin, 2016).

Em Foucault (2022, p. 143) o *discurso* assume um sentido pleno como prática histórica imanente à realidade, que a produz e organiza. Nessa perspectiva, o discurso é um conjunto de enunciados que muda no tempo e para os quais é possível definir condições de existência. Então, é ao assumir determinada posição na trama discursiva que o indivíduo se constitui como sujeito. Em razão dessa natureza relacional, e em sua dimensão linguística, o discurso encampa os efeitos de sentido produzidos por sujeitos histórico-sociais imersos em uma determinada cultura (Gregolin, 2016, p. 12). Esse contato do sujeito com enunciados enfeixados em discursos que subjetivam e se transformam, materializa-se sob a ação de *dispositivos*: uma rede estratégica de operadores que articulam poder, saber e subjetividade. Essa noção abrangente ocupa uma posição central na analítica foucaultiana como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, [...] enunciados regulamentares [...] o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que pode se estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2019, p. 364).

E uma vez em funcionamento, depreendemos do pensamento foucaultiano que *dispositivo*: 1) mobiliza, organiza e legitima determinados regimes de verdade; 2) permeia e atravessa práticas discursivas, definindo o que pode ser dito, pensado ou problematizado como “verdadeiro”; 3) produz e organiza relações de poder e micropoder; 4) funciona como mecanismo estratégico de controle e normalização dos corpos; e 5) articula e distribui o poder de maneira capilar, permeando e atravessando as práticas sociais.

Ademais, Foucault (2019, p. 365) explica que “o dispositivo é um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência”. Na mesma linha, Gregolin (2007, p. 10) argumenta que ele desempenha uma “função estratégica dominante que é determinada por um imperativo histórico”, continuamente transformado em mecanismo de poder. Nessa perspectiva, a rede estabelecida engloba formações conjunturais destinadas a atender a uma necessidade localizada, como a que, no presente, relaciona a transformação de indivíduos em banco de dados e a gestão das subjetividades no mundo digital, às mudanças em curso na leitura (Chartier (2022, n.p). Assim, considerar a ideia de *dispositivo* como uma rede de agenciamentos que opera na modulação e regulação das relações sociais, comportamentos, normas e categorias de pensamento, possibilita uma compreensão mais aprofundada das formas pelas quais diferentes agentes e instâncias concorrem para a produção de “verdades” nos mais variados âmbitos da vida humana.

A especialização técnica dos *dispositivos* digitais inaugurou uma economia dos discursos apoiada na imagem que encontrou na tela seu suporte ideal. Desse modo, o domínio crescente de uma *expertise* digital na governança das informações catalisou a sedução do imagético como representação de aspectos da vida e colocou o texto verbal em segundo plano. À medida que *dispositivos* de controle se tornam digitais e ubíquos, dispensando espaço físico, eles passam a envolver todos os âmbitos da vida social. Com esse propósito geral, os desejos materiais e as dificuldades de gestão de tempo do indivíduo encontram soluções cômodas de consumo e promessas de liberdade nas aparências do discurso midiático, reforçando o ideário neoliberal de autonomia.

Para aclimatar-se aos anseios desse sujeito flexível, o poder torna-se mais responsivo e capilarizado. Os meios tecnológicos de comunicação em massa, como as redes sociais digitais, garantem a velocidade de circulação, alcance e repetição em escala de positivities diluídas em um excesso de informações fragmentadas e estímulos visuais que caracterizam a vida em rede. Assim, a combinação de distintas formas de exercício e distribuição do poder reforçam o protagonismo da normatividade do *espetáculo*, no painel de uma sociedade que já não se apresenta como estritamente disciplinar. Afinal,

Toda vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. [...] Se o espetáculo, tomado sob o aspecto mais restrito dos "meios de comunicação de massa", que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade (Debord, 1997, p. 13-20).

Com base em Debord (1997), a especialização do poder está na origem do *espetáculo*, entendido como uma representação insuspeita da sociedade que se observa e se divide, na qual toda outra fala é apagada. Sua aparência não é apenas o produto dos discursos das imagens, mas também um paradigma autorreferenciado. Nesse reino de aparências, de onde se desprende um modelo dominante de sociabilidade, a imagem de aspectos da vida passa a mediar a própria relação social. Nessa conjuntura, as imposições dos meios de comunicação desmaterializados, cujos efeitos são diluídos pela substituição do desejo por soluções equivalentes próprias do *espetáculo*, satisfazem-se no próprio funcionamento. Afinal, se as interações humanas e a administração da sociedade, em conformidade com as categorias do ver, só se podem exercer por:

[...] intermédio dessa força de comunicação instantânea, é porque essa comunicação é essencialmente unilateral e sua concentração equivale a acumular nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir nessa precisa administração (Debord, 1997, p. 21).

Inscrito nesse sistema de amplo espectro, o *dispositivo BookTok* irrompe no campo da leitura numericamente apoiado no "sucesso" de uma extração mais ligeira e performática do vídeo, inaugurando um formato ainda mais econômico de comunicação instantânea e massiva do livro. Em sua composição discursiva, expressões como "bilhões" e "milhões", normalmente alocadas em referência ao número de visualizações de minivídeos e de usuários, reforçam a amplitude, a profundidade e a velocidade desse acontecimento nas redes sociais, ambiente onde a quantificação e a novidade, por si só, são garantias de valor. A linguagem inflada por números superlativos e expressões hiperbólicas encobre a opção por determinadas formas linguísticas e a função específica que elas desempenham atualmente na comunicação dos temas da leitura. O mesmo ocorre com os possíveis efeitos de sentido que evocam em vista do contexto sociocultural, da posição dos sujeitos que enunciam e da forma semântica que assumem. Organizar e explicar essas escolhas permite evidenciar o sentido do emprego de formas específicas em lugar de outras, no panorama mais amplo de uma cultura digitalmente influenciada.

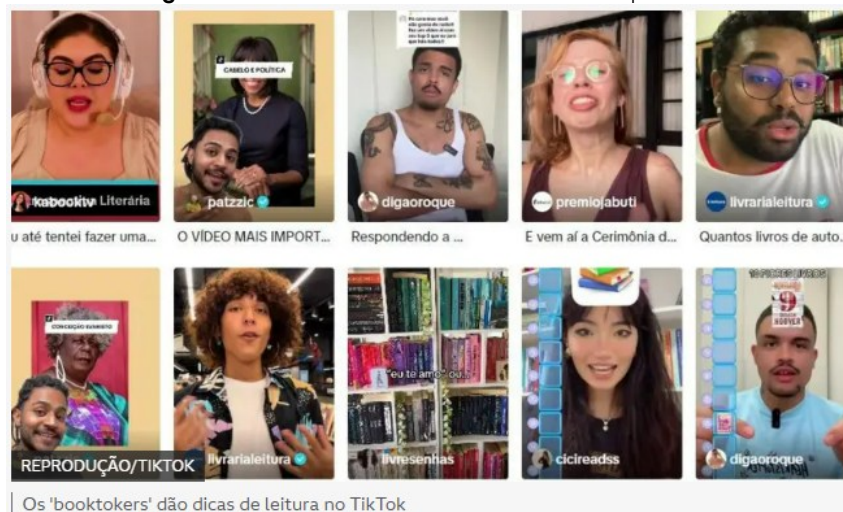
Desse modo, tramas discursivas como a que enreda *BookTok*, livro e leitura, não são alheias à linguagem do *espetáculo*. Pelo contrário, elas operam compromissadas com as forças, hierarquias e estruturas do sistema capitalista que as produz. Não por acaso, o texto analisado a partir da próxima seção acumula marcas de agenciamento da relação do indivíduo com a leitura e o ser leitor, enquanto reproduz a separação generalizada da

sociedade, ainda que sob a incontroversa bandeira da promoção da leitura. Seus desdobramentos podem ser compreendidos (e contestados) em vista do funcionamento de *dispositivos* sutis e dos efeitos de sentido que produzem, os quais vinculam a visada da mídia à regulação da subjetividade leitora conforme a lógica algorítmica. Somente direcionando esse olhar discursivo para além do numérico é que notamos um substrato invisibilizado da relação entre as mudanças na leitura, a novidade tecnológica e as novas formas de comunicação do mundo digital, sobre o qual tentaremos lançar alguma luz.

3 ISSO O ESPETÁCULO NÃO MOSTRA: LEITURA, SUBSTANTIVO FEMININO

O uso estratégico da diversidade como propaganda não é exatamente uma novidade no discurso midiático, apesar de nem sempre esse reconhecimento corresponder a um objetivo político transformador das estruturas desiguais da sociedade. A esse respeito, a reportagem *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers* (Machado, 2024) mobiliza quatro enunciados imagéticos que evocam a diversidade sob variados recortes, como um sentido capaz de gerar consenso, neutralizar questões relevantes acerca da leitura, e legitimar as forças do espetáculo que investem em seu reconhecimento. O primeiro deles exibe um painel de *booktokers* contendo rostos e corpos identificados pelos respectivos nomes de usuários (figura 1):

Figura 1: Painel de *booktokers* I – diversidade aparente



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5mr3pdo>. Acesso em: 13 out. 2024.

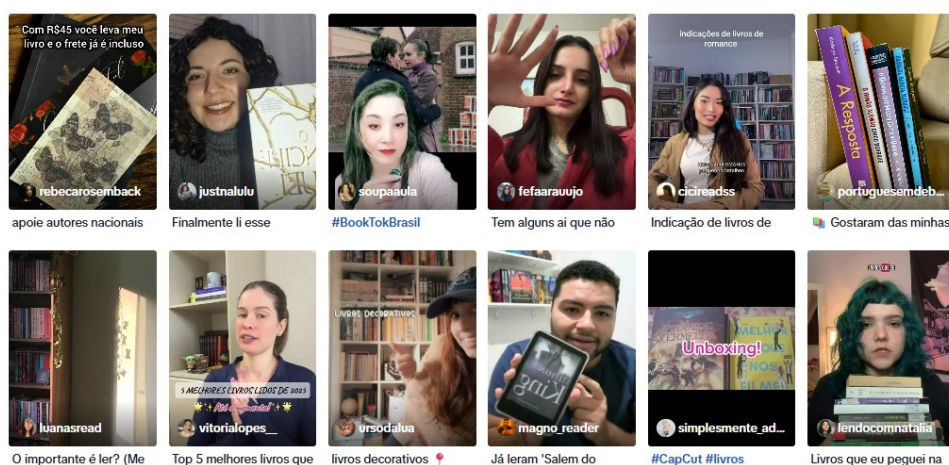
Este enunciado mobiliza uma diversidade fisionômica ligada a um sentido de equilíbrio racial e de gênero, incomum de ser encontrado em uma única captura de tela no ambiente da plataforma, conforme rolamos o fluxo de conteúdos (*feed*) para cima. Na ausência de um censo da população *booktoker*, essa percepção é reforçada por outros dados estatísticos. Segundo informações publicadas no portal UOL, nos dez dias da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, edição 2024,

[...] passaram pelo Anhembi 722 mil visitantes, um público quase 10% maior do que na última edição, em 2022. [...] E, segundo levantamento feito pela própria Bienal, a imensa maioria desses visitantes foi formada por pessoas do gênero feminino. 68,8% de quem esteve passando pelos estandes de editoras e livrarias se identificaram dessa forma, enquanto a opção "masculino" ficou com apenas 28,5% (1,2% citou "outros" e 0,5% preferiu não responder) (Casarin, 2024, n.p.).

Como a maioria dos visitantes na Bienal se identifica com o gênero feminino, questionamos se esse predomínio é replicado entre os *booktokers*. Apesar do sentido de diversidade que exala da imagem, ao aplicarmos o recorte de gênero a esse grupo na plataforma, surgem evidências que apontam para uma prática eminentemente feminina naquele espaço, contrariando o sentido de pluralidade de rostos enunciado na figura 1.

De fato, ao navegarmos para além das primeiras imagens exibidas na página inicial do #BookTokBrasil, percebemos que a diversidade fisionômica dos *booktokers* tende a se neutralizar em relação ao gênero e à raça. Ao rolarmos o *feed* para cima, a representatividade de rostos e corpos vai sendo diluída e torna-se menos marcada em comparação ao enunciado, enquanto a regularidade feminina branca fica mais evidente. Esse predomínio é notado, por exemplo, na imagem seguinte (figura 2), extraída da plataforma, na qual todos os *booktokers*, exceto um, são jovens mulheres brancas:

Figura 2: Painel de *booktokers* II – diversidade neutralizada



Fonte: <https://www.tiktok.com/tag/BookTokBrasil?lang=pt-BR>. Acesso em: 21 set. 2024.

Aplicando o recorte de gênero a esta captura, a regularidade feminina irrompe entre os criadores de conteúdo do *BookTok*, revelando uma prevalência comumente invisibilizada no discurso midiático. Quando cotejada em relação à preferência literária de grande parte dos usuários da comunidade, os sinais de como certas relações entre leitura e gênero são interditas pela grande mídia ficam ainda mais fortes. Em torno desse eixo, o caso da autora Colleen Hoover, citado no texto, é ilustrativo da predileção dos usuários da comunidade por um certo tipo de literatura, normalmente associada ao feminino. Em “#ColleenHoover, (...) **acumula** mais de **4,8 bilhões** de visualizações (...), vendeu **4 milhões** de livros **só no Brasil** desde que **explodiu** em 2021” (Machado, 2024), os números de visualizações e vendas do romance *É assim que acaba*, da referida romancista estadunidense, corroboram a preferência do público da plataforma pelo romance jovem-adulto. Pelas mesmas razões históricas que fazem esse tipo de literatura ser consensualmente identificada com público feminino, enfatizamos que o discurso não apenas organiza e molda o enunciável, mas define atores e seleciona papéis que estes desempenham na função de leitor.

Quando o assunto é a relação entre gênero e leitura, Curcino (2018, p. 240-241) argumenta que as representações de homens e mulheres como leitores destinaram-lhes papéis distintos ao longo da história. Enquanto para o homem, em sua representação de leitor ideal, costumam ser atribuídas leituras interessadas e intelectualmente relevantes; às

mulheres, por seu turno, destinam-se leituras de entretenimento – característica esperada de romances bem escritos e uma qualidade frequentemente atribuída às obras da romancista Colleen Hoover, captada na caixa de comentários do BookTok. Ainda segundo Curcino (2018, p. 240-241), a reprodução dessas determinações reflete a “divisão cultural que ao longo da história destinou diferentes práticas, obras e usos da leitura para homens e mulheres”.

No enunciado seguinte, colocamos lado a lado as outras três imagens acionadas na matéria de modo a evidenciar relações entre uma mediação algorítmica da leitura, discursos consensuais sobre essa prática e a representação feminina no BookTok:

Figura 3: Leitora tardia
(jovem transformada em leitora)



Figura 4: Leitora profissional
(booktoker)



Figura 5: Leitora ideal
(modelo de leitor)



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5mr3pdo>. Acesso em: 13 out. 2024.

As figuras 3, 4 e 5 acompanham o texto para construir, respectivamente, as representações de uma leitora tardia, uma leitora profissional (*booktoker*)⁴ e uma leitora ideal – esta última, naturalmente, com todas as ressalvas que o termo exige. Observamos que as fotos utilizadas para ilustrar a leitora tardia e a *booktoker* fazem parte do arquivo pessoal dos sujeitos retratados, os quais emprestam suas falas ao texto e cujos nomes são publicados. Por outro lado, a leitora representada na figura 5, escolhida para compor a reportagem, é um modelo fungível de leitor disponibilizado em banco de imagens (Machado, 2024), que ecoa longevas representações de leitura que perduram no enunciável sobre essa prática.

Na figura 4 (leitora profissional-*booktoker*), a imagem posada de uma jovem sorridente e orgulhosa, de corpo retraído e ares de intelectualidade, segurando um computador no colo e com livros ao fundo, caracteriza a especialização do ser leitor no presente, inaugurando o exercício dessa prática como profissão. À referencialidade do livro somam-se certos elementos materiais e imateriais, organizados segundo o esquema sujeito-linguagem-corpo-livro, que indicam um protocolo de representação *booktoker* como um tipo modelar de leitor-profissional visível. A construção da imagem de criadora de conteúdos, comum a quem recomenda leituras e, assim, inspira e influencia neófitos nas redes digitais, difere da caracterização da leitora tardia (figura 3). Nesta última, elementos presentes e ausentes na imagem revelam marcas de uma hierarquização social divisora, deixando transparecer sua condição de “penetra”. Nesse caso, o motor de sua mobilidade cultural ascendente é o BookTok, pois é sob a influência dessa rede social que

⁴ Anajulivros é o identificador da criadora *anaju*, *booktoker* com 295,9 mil seguidores e 11 milhões de curtidas, distribuídas em 237 vídeos com milhares ou milhões de visualizações. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@anajulivros>. Acesso em: 08 out. 2024.

ela tem acesso ao mundo letrado e, portanto, ao encontro efetivo com representações modelares, como a que encontramos nas figuras 4 e 5.

No dizer de Curcino (2018, p. 227), é comum aos “textos que recorrem ao livro como símbolo na representação da condição leitora [...]”, a utilização de imagens “temática e estruturalmente” semelhantes, úteis a representar o assim considerado “leitor ideal”. Conforme esse modelo, “predomina o gênero fotográfico, com imagem posada e dirigida”, com o representado “em primeiro plano, ocupando de forma exclusiva a centralidade da cena”, “por vezes com um livro na mão e, invariavelmente, com uma estante de livros ao fundo”. É o tipo de modelo universal, pois veste uma infinidade de sujeitos e satisfaz as mais variadas necessidades de representação, como as de uma *booktoker* ou de um presidente em fotos oficiais. Para ambos, igualmente, o livro perpetua “[...] a antiga tradição do retrato de pessoas que se destacam” (Chartier, 1999, p. 84), afirmando a “referencialidade do que é retratado, do ‘ser assim’ leitor do representado”, segundo Curcino (2018, p. 227).

Embora não seja a única – e talvez nem a principal –, a referência emblemática ao livro impresso em segundo plano é marcante no espaço cênico, que se apresenta ordenado e remetente à leitura e suas conexões. Trata-se de um ambiente um tanto asséptico e pouco representativo da média dos brasileiros, povoado por outras referências que não estão ali por acaso, naturalmente. Sob essa perspectiva, o tradicional perfil leitor posado em frente aos livros, apropriando-se do seu valor simbólico, é nuançado por outros sentidos. Seus efeitos resultam da articulação e interação das camadas de sentido sobrepostas na imagem.

Em vez dos ambientes formais, como bibliotecas e gabinetes particulares de leitura, o quarto assume protagonismo, que sem perder sua característica de recinto privado de segurança e intimidade, afirma-se como espaço público de leitura nas redes sociais. Ambientada no quarto da *booktoker*, a imagem analisada é representativa de outra regularidade do *arquivo*. Nos espaços internos e confortáveis que servem de pano de fundo para os vídeos, percebemos um padrão estético alinhado às racionalidades do *espetáculo* – um recurso que reforça aparências e contribui para destacar produtos de interesse econômico nas redes sociais, incluindo o livro.

Além disso, a passagem da estante de livros da sua clássica posição para a intimidade do quarto é um gesto simbólico que tem o “efeito de ancorar o que se enuncia na autoridade do livro” (Curcino; Manfrim, 2020, p. 908). Esse deslizamento articula a intimidade e o privado em um espaço comunitário e digital, cujas regras de sociabilidade são mediadas pela lógica algorítmica – entendida por Roger Chartier, em entrevista à *The Conversation* (2022), como contrária ao desejo, cujo objetivo final é a substituição do que se pode querer pelo equivalente “já desejado”. Assim, a lógica algorítmica configura-se como um conjunto pré-estabelecido de regras categorizadas potencialmente manipuláveis, compromissadas com a produção e reprodução de gostos e hábitos cada vez mais personalizados, capazes de transformar indivíduos em banco de dados. Essa lógica se opõe, portanto, à continuidade do encontro e à surpresa que eram próprias das instituições da cultura impressa, a exemplo da biblioteca e do livro.

Quando Chartier (1999, p. 132-155) questiona se os espaços públicos de leitura estariam se dissolvendo diante de uma relação mais privada e fria com o texto eletrônico – marcada por uma leitura restrita à tela – talvez fosse cedo demais para prever como a frieza destes “camarotes e gabinetes isolados” poderia ser aquecida por uma nova

compreensão da “indestrutibilidade do texto”. Com o tempo, a convergência inesperada entre a tela líquida e o texto impresso fez surgir um uso capaz de subverter os protocolos de “leitura na biblioteca eletrônica” em seu próprio espaço, confrontando a idealização dessa prática e o funcionamento da rarefação dos discursos.

No mundo horizontalizado das telas, além disso, todos podem falar de leitura, pois a autoridade é anônima, diluída e compartilhada. Assim, o efeito translativo do BookTok – resultado da concorrência entre suportes em proveito da cultura impressa, ou seja, do livro em papel como objeto que a materializa – parece reafirmar, e não o contrário, “a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo de universal”, conforme referido por Chartier (1999).

Como elemento central dessa vocação para a universalidade, o livro em papel detém uma presença ostensiva nas notas e nas imagens selecionadas pela mídia, construindo sentidos de acesso democratizado e prática naturalizada. A estante, que desliza de espaços mais herméticos para a realidade doméstica, na suavidade e conforto do quarto, contribui para a recomposição do livro como ornamento simbólico de um “leitor visível”. No texto, a referência ao livro e à estante emerge nas palavras da *booktoker*:

Sempre gostei muito de ler [...]. Ana Júlia conta que não tinha o hábito de ler até a adolescência, mas, **sempre** que ia ao shopping, gostava de entrar nas livrarias, **ver os lançamentos e levar uma obra para casa**, mesmo que ficasse na **estante**. Foi quando ela precisou fazer um **exame médico** demorado que **pegou gosto pela leitura**. [...] diz que **hoje lê ao menos 40 livros por ano** – e tudo é **compartilhado** com seus seguidores [...] (Machado, 2024).

Neste enunciado, a opção pelo advérbio “sempre” em referência ao gosto pela leitura e à frequência com que ocorriam visitas ao shopping reforça esse efeito de familiaridade. A habitualidade é condizente com a existência de condições materiais e imateriais propícias e anteriores à construção do hábito leitor (para adquirir um novo hábito, antes torne-o familiar). Quando, uma vez no shopping, o dizer “gostava de entrar nas livrarias” aparece, desmancha-se aí a ideia de uma rotina imposta em proveito de um prazer possível e desejável a quem possui condições para satisfazê-lo. É notável como a curiosidade em “ver os lançamentos” funciona como gatilho para o consumo, à medida que visitas ao shopping incluíam sempre a possibilidade de “levar uma obra pra casa, mesmo que ficasse na estante”. Nesse sentido, a opção pelo verbo “ver”, responsável por guiar o imaginário, o dizível e as ações no *espetáculo*, transparece a função emblemática da palavra-enunciado “lançamentos”, que torna o olhar mais suscetível ao poder sensibilizante da imagem na *sociedade do espetáculo*.

No processo de objetificação do livro como mercadoria no temp(l)o do consumo, os desejos são *comodificados*, dando origem a comportamentos hipnotizados pelo verbo modal *comprar*⁵, o que não necessariamente corresponde a uma prática sustentada de leitura (Bauman, 2021; Debord, 1997). Nesse contexto, o termo “lançamentos” evoca um sentido associado a outros bens consumíveis como cosméticos, peças de vestuário ou dispositivos tecnológicos, normalmente encontrados em shoppings. Apesar de estarem evidenciadas as condições adequadas à leitura, ainda há um ponto de inflexão a ser considerado: “Foi quando ela precisou fazer um exame médico demorado que pegou gosto pela leitura”. Nessa nota, percebemos uma declaração típica do discurso de

⁵ Segundo Bauman (2021, p. 95), “O que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos a nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade feita nos padrões de ir às compras. O código em que nossa ‘política de vida’ está escrito deriva da gramática do comprar”.

"herdeiros"⁶: o apagamento da escola como lugar de leitura e dos professores como formadores desse hábito.

A respeito desse discurso de desreferencialização da instituição escolar, é interessante observar alguns resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Brasil, 2024). Quando questionados sobre a origem do interesse por literatura, mais de 67% dos leitores mais jovens (entre 5 e 17 anos) indicaram a escola ou algum professor como resposta. Essa porcentagem se mantém significativa na faixa etária de 18 a 39 anos, com mais de 40%. Apesar da pesquisa ter captado a importância da escola na polinização de leitores, o sintomático apagamento da instituição escolar no espaço discursivo midiático, aliado a escolhas linguísticas e sentidos que desviam a atenção de questões importantes sobre essa prática, são reflexos de um movimento hegemônico de deslegitimação da escola como lugar de leitura e formação de leitores. Com efeito, salvo casos especiais, causa estranheza a regularidade com que a escola e o professor são apagados do rol de lugares, situações e atores decisivos nas trajetórias leitoras de sujeitos recrutados para falar sobre o tema da leitura, mesmo considerando todo o período de escolarização.

Sob as luzes do *espetáculo*, é frequente que o encontro com o livro e a guinada para a leitura sejam narrados como resultado de uma escolha pessoal ou de uma situação particular, fruto do acaso ou de uma circunstância cotidiana sem relação com o ambiente escolar – algo trivial, como uma consulta médica demorada. Esse episódio inesperado de encontro produtivo com o livro, recortado do texto em análise, soma-se aos demais recursos à disposição dos "herdeiros" para construir um sentido de despertar idiossincrático para a leitura: uma situação que escapa ao lugar-comum e, justamente por isso, garante certa diferenciação na definição do marco inicial de uma trajetória leitora.

Seguindo os caminhos da construção do hábito leitor da *booktoker*, comuns aos "herdeiros" das condições favoráveis à leitura, o texto desloca o foco do "como" os livros são adquiridos para "quantos" são lidos, reafirmando a centralidade do numérico nessa trajetória. A nota de que "hoje lê ao menos 40 livros por ano" produz, entre outros efeitos, o de ampliar os horizontes de um hábito impulsionado pelo acaso, cultivado por gosto, mas que se expande em quantidade com o passar do tempo. Dessa construção, depreendemos que a disponibilidade de tempo e de meios materiais para a leitura fundamentam uma representação abundante e elitizada de leitor, medida por padrões quantificáveis e mensuráveis, que realçam uma função estética do livro: a de mercadoria autorreferenciada e ornamento simbólico de um "leitor visível".

Tema da próxima seção, as cenas de leitura normalmente utilizadas para representar o leitor em constituição no século XXI – afeito à velocidade e à performance – não são inteiramente novas. Antes, constituem-se enredadas a atualizações de modelos hegemônicos, continuamente acrescidos de sinais da produção reinante e da gestão da subjetividade leitora, que se tornam mais ou menos estáveis a cada momento. Submetidas à soberania da lógica algorítmica, novas camadas de sentido se sobrepõem a essas representações contemporâneas de leitor, nas quais persistem reminiscências de longevos modelos idealizados de leitura, como aquelas próprias do ideário burguês do século XIX.

⁶ *Herdeiros* são aqueles que sempre "dispuseram de acesso à cultura de prestígio" e à leitura de modo estável e "invisível como privilégio". Já os *não herdeiros*, estando à margem do mundo letrado, "não se reconhecem no direito à leitura, nem reconhecem a leitura como um direito" (Curcio, 2020a, p. 3).

3.1 Novidade nem tão nova assim: a imagem de leitor na acumulação de espetáculos

Se há algo de novo na imagem sensocomunizada de leitor ideal, seu produto já não pode estar separado do investimento que as mais pujantes forças do espetáculo fazem na atualização de representações de leitura e na persistência de aspectos estratégicos. Os modelos assim produzidos atuam amenizando diferenças e sedimentando imposições que visam destacar, derivadas do vínculo produtivo entre essa prática e a novidade. Para evidenciar alguns aspectos dessa trama discursiva, cotejamos a imagem da leitora profissional (figura 4) em relação ao padrão característico de leitor no ideário burguês do século XIX (figura 6), enfatizando novamente a centralidade da figura feminina, presente em três das quatro imagens manejadas pela matéria em análise. Nesse percurso, realizamos um breve mapeamento de aspectos visuais dessas representações e dos efeitos que elas produzem na subjetividade leitora. Consideradas em conjunto, as imagens revelam uma construção instrumentalizada que orienta a forma como idealizações moldam a relação do indivíduo com essa prática, fazendo circular verdades consensuais e totalizantes dentro de um sistema que, ao mesmo tempo, e nos dias de hoje, focaliza a performance e preserva o valor da aparência.

Nessa perspectiva, ao comentar a pintura *Heurs de loisirs* (Horas de lazer) do pintor belga Georges Croegaert, conhecido por retratar figuras femininas e cenas da sociedade letrada do século XIX, Chartier (1999, p. 121) escreve:

No suave conforto de um interior burguês, a leitora enlanguescida preferiu os romances em brochura (um está aberto no chão, como se a leitura tivesse sido interrompida e o outro é seguro pela sua mão esquerda) em vez daqueles encadernados da estante, bem arrumados mas sem dúvida pouco lidos.

A pintura *La Lecture* (A leitura), reproduzida na figura 6, foi concebida pelo mesmo artista no verão de 1890 e apresenta uma mesma representação de leitor, para a qual parece ter sido dirigida, em sua plenitude, a descrição de Chartier (1999) sobre *Heurs de loisirs*. Como cena repetida de uma trama novelesca, no ambiente interno à moda burguesa, a jovem leitora do século XIX é confortavelmente retratada com uma brochura na mão direita, enquanto outros tantos livros aparecem movimentados no carpete vermelho. No mesmo plano, livros em uso e flores naturais aquecem a cena de leitura, em nítido contraste com a solidez das obras encadernadas e imobilizadas na estante de livros não lidos que funcionam como elementos de decoração e prestígio social.

Figura 6: *La Lecture* (A leitura)



Fonte: <https://www.parismuseescollections.paris.fr/fr/museecarnavalet/oeuvres/la-lecture-0>. Acesso em: 27 set. 2024.

A referência a esta imagem não pretende apontar uma origem secreta das representações de leitura que perduram no enunciável até os dias atuais. Nesse retorno, importa salientar que uma arqueologia dos saberes não está compromissada com a “repetição de um início” ou a “interpretação de um já-dito”. Ao contrário, seus princípios orientam a suspensão das continuidades e convidam a tornar visíveis práticas descontínuas que, de outra forma, se perderiam na “dispersão temporal”. Recusar tais continuidades significa compreender as regras de formação pelas quais o saber de um campo enunciativo é, ao longo do tempo, “repetido, sabido, esquecido, transformado” (Foucault, 2022, p. 29-33).

Feitas essas considerações, retornamos à figura 4, com sua representação situada no “suave conforto de um interior” minoritário, no qual a jovem tem o *notebook* em sua posse. Para perceber por outros ângulos como a linguagem do *espetáculo* é autorreferenciada e povoada de sinais da produção reinante, adicionamos um eixo analítico como “instrumento de unificação” dos aspectos enunciados nas figuras 4 e 6. Nesse deslocamento, os sentidos se intensificam à medida que o eixo avança do fundo das imagens em direção ao observador, revelando, nesse percurso, aspectos sociais, culturais e históricos acumulados nas camadas simbólicas – tanto as visíveis quanto as apagadas.

Na imagem da leitora profissional (figura 4), as regras que determinam o visível são a própria face exposta do *espetáculo*, para o qual concorre o público, representado pela imagem da leitora tardia (figura 3), como última detentora do poder de escolha (Bauman, 2021). O diálogo entre essas duas *personas* é recursivo e inseparável (Debord, 1997, p. 13-14). Observando a cena da figura 4, percebemos o conhecimento organizado e compartimentado sob a forma de livros depositados na estante, cuja solidez é matizada pelas cores que as capas emprestam à imagem. Sendo essa a primeira e mais anterior das camadas de sentido, seu substrato estático e perenizado é atualizado pelas categorias do ver que estão na raiz do *espetáculo* (Debord, 1997, p. 19). Sobre esse estoque peculiar de livros, que é fonte de inspiração para um número não desprezível de jovens, destacamos do texto: “[...] é possível encontrar [nas livrarias] seções intituladas ‘Livros do *TikTok*’, que mostram as obras populares na rede social”. Essa nota é um chamamento à reflexão sobre as consequências para a proficiência leitora se o encontro com o texto permanecer limitado à literatura especializada e validada pela lógica algorítmica.

Acessar o conhecimento estocado nos livros constitui o gesto que marca a segunda camada visível. Na figura 4, a função de extrair esse saber de sua fonte é delegada pelos representantes da audiência no exercício do poder de escolha, à figura intermediária da *booktoker*. “O jovem, que antes tinha suas leituras decididas pelos pais ou professores, quer agora fazer suas escolhas por meio de suas bolhas, seus algoritmos”, segue o texto, referindo-se à especialização da escolha no tempo. Essa dinâmica evidencia a transferência do poder de escolha ao representado, que o exerce “como um ofício, definido pelo cargo que lhe foi conferido” por procuração do público e não sob a presunção de autoridade possibilitada pela função medial do *dispositivo* (Foucault, 2010b, p. 338).

O gesto de dirigir-se ao livro, perceptível nos títulos movimentados sobre a mesa de apoio, remete à disposição semelhante em *La Lecture*, com exemplares espalhados pelo chão. Essa proximidade simbólica reitera que o lugar do livro é material e culturalmente acessível à figura mediadora da *booktoker*, cuja corporeidade configura a terceira

camada visível na cena. Nesse patamar, destaca-se a *persona* pública legitimada e autorizada pela audiência (Bauman, 2021). Com o acervo à disposição, sua atividade consiste em recomendar leituras e influenciar leitores, ajustando-se aos desejos flutuantes da audiência e, assim, mediar a aproximação entre o jovem e o livro em papel no ambiente líquido das redes sociais. Ao incorporar o dispositivo tecnológico como ferramenta de promoção do impresso, a imagem de leitor-profissional movimenta racionalidades não equivalentes que constituem um padrão pré-moldado de ser leitor. A tela, como portal de acesso para a vida em rede, é o elo entre o algorítmico e o humano, o digital e o analógico, entre o desejo e a surpresa instituídos pela cultura impressa e o “já desejado” fabricado pela lógica algorítmica (Chartier, 2022, n.p.).

Nesse meio gestor de hábitos e gostos literários, que não é de todo fechado ao inesperado e à descoberta, a matéria-prima (o jovem) é convertida em produto (o leitor), segundo a matéria. A artificialidade dessa produção não é, na visão de Chartier (2022, n.p.), separada da produção humana. Não obstante esse vínculo produtivo, os encaminhamentos tratados na próxima seção revelam que a “transformação de jovem em leitor” tende a tornar indistinguível a relação entre o humano e o algorítmico. Ao mesclar experiências e categorias de pensamento não equivalentes, a estética replicada da imagem de leitor constituída sob demanda do público (e influência de robôs) revela a função produtiva da lógica algorítmica nas mudanças em curso leitura, sem prejuízo da reprodução de regras divisoras que perpetuam os interesses do espetáculo.

4 UPGRADE LEITOR E O BALÃO DE ENSAIO PARA AS MUDANÇAS NA LEITURA

Compreender os efeitos de “transformar jovens em leitores”, nas atuais condições de excesso de informações e abandono da densidade típicas das redes sociais digitais, equivale, em boa medida, a considerar o *Booktok* como um balão de ensaio para as mudanças em curso na leitura. Então, os pontos abordados até aqui – a convergência entre o vídeo e o impresso, a concentração do feminino em relação à leitura, a especialização de longevas representações e sua acumulação na fluidez do discurso digital – funcionam como pistas que conduzem às raízes explicativas da “transformação”. Recolocadas sobre a mesa como peças móveis que podem assumir diversas formações, elas permitem investigar o que significa “transformar”, diante das imposições singulares do digital e do impresso, da função do gênero e das representações modelares que habitam o enunciável. Com esse movimento, levamos o signo da dúvida à frente da certeza da “transformação”, buscando vislumbrar, entre luzes e sombras projetadas pelas telas, alternativas para o futuro da leitura.

Sob esse ângulo de visão panorâmico, as figuras 3 e 5 sinalizam, de um polo a outro do espectro leitor, o antes e depois da “transformação” enunciada em *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers* (Machado, 2024). Nessas representações concentradas no gênero feminino, individualmente consideradas tanto quanto permite sua unidade, emoções e condições indexadas à leitura são evocadas e (in)visibilizadas. À esquerda, a *self*, gênero fotográfico acessível e associado à cultura jovem, até pode desafiar o padrão estético de leitor reproduzido pela fotografia profissional à direita – carregada de sinais da produção reinante –, mas é provável que antes o reforce como um modelo desejável a ser alcançado. Isso ocorre porque coloca a sua protagonista em posição de desvantagem face ao padrão, segundo as categorias do ver que regem o espetáculo (Debord, 1997).

A forma como a leitora tardia se apresenta ao mundo (figura 3) pode ser interpretada como uma antítese da representação idealizada na figura 5. O orgulho leitor, notado no rosto pelo sorriso largo e no acesso facilitado aos livros, contrasta com o constrangimento autoimposto pela condição de sujeito destituído do objeto e, portanto, do prestígio social que, em razão dessa falta, não lhe é natural. A escolha da *self* (figura 3), na qual estão ausentes quaisquer referências ao livro, bem como as transcrições de suas falas presentes no texto, reforçam um passado não leitor e evidenciam uma estratégia propagandística própria do discurso midiático, compromissada com uma linguagem elitista e certas condições de separação. Tal como afirma Curcino (2020b), ao reportar o acesso desses “penetras” ao mundo letrado, a mídia aciona discursos de outros campos enunciativos, entre eles o da meritocracia, para justificar a mobilidade ascendente desses personagens indiscretos. Nessas narrativas, o *espetáculo* requer demonstrações inequívocas de mérito pessoal como pedágio para o domínio letrado. Em seu curso, emoções como orgulho e vergonha adquirem valor de merecimento, fazendo pesar sobre os ombros do “não herdeiro” um sentido de impertinência. É nesse território movediço que se realiza o apagamento das desigualdades e hierarquias sociais que estão no cerne da separação, simultaneamente produzida e reforçada no fluxo de representações que dissolve a unidade da vida real em um painel de aparências.

O perfeito funcionamento desse esquema de representações e temas idealizados de leitor é capaz de gerar identificação inconsciente do sujeito com o prestígio social da leitura. A força do consenso e o poder subjetivante de sua reiteração legitimam modelos dominantes de ler e ser leitor, mediante o apagamento de particularidades desencaixadas do consenso geral. Com isso, são estabelecidas condições de possibilidade para a projeção do individual na consciência coletiva da leitura como *espetáculo*, e do livro como ornamento simbólico de um “leitor visível”. A esse respeito,

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (Debord, 1997, p. 24).

A concentração em torno de um modelo universal mostra-se tão desejável quanto é incontroverso o orgulho com que normalmente o indivíduo constrói sua autoimagem de leitor. No plano da linguagem, esse orgulho leitor é carregado de referências materiais que reforçam sua expressão emocional. De forma simétrica, a lógica se inverte nas representações de não-leitor: as referências à leitura são apagadas e a carga emocional desloca-se para o polo oposto. Ao invés do livro, destaca-se sua falta; ao invés de orgulho, manifesta-se a vergonha. Assim, a representação do não-leitor será a negação de um modelo idealizado de leitor.

Essa oposição resultará, conforme o caso, do apagamento das referências à leitura e, tratando-se de um “penetra”, do estranhamento causado pela perturbação da homogeneidade do ambiente letrado. Esse estranhamento pode ser sentido por quem ocupa um espaço que não lhe foi historicamente destinado, manifestando-se na vergonha e na necessidade de justificar a própria presença. Por outro lado, aqueles que avaliam essa ocupação inesperada tendem a espetacularizar a impertinência ou a desqualificar as enunciações do “penetra” (Curcino, 2018, 2022).

Se, assim como nas representações históricas da prática de leitura burguesa do século XIX, o ambiente retratado nas figuras 3, 4 e 5 é interno e a figura humana é feminina,

chama a atenção o fato de o estereótipo de leitor tardio pesar sobre o corpo negro – figura escassa nos modelos considerados ideais acionados pela mídia. Essa exclusão ressoa um significado historicamente produzido, que remete à herança escravocrata de desigualdade e de discriminação social, atenuada pelo prestígio social da leitura. A condição de leitora tardia, desprovida de um passado ligado à leitura, fica evidente em:

Foi justamente **influenciada pelos vídeos** que falavam sobre o livro *É assim que acaba* (Galera, 2020) de Colleen que fez a **babá** Francielly Aparecida de Assis, de 23 anos, **se interessar pela primeira vez pelos livros**, em 2021. “Após **ver** os vídeos, **fiquei curiosa** pela história. Um dia, passando em frente a uma livraria, **decidi** entrar e **comprar**”, diz Francielly (Machado, 2024).

A opção por transcrever as palavras da entrevistada confere um sentido de isenção e fidelidade ao relato original da enunciativa, especialmente quando esta destaca o papel do BookTok no despertar do gosto pela leitura. Essa afirmação inequívoca reverbera nas escolhas linguísticas ao longo da matéria, alinhando-se às certezas expressas no título *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores [...]*, ou em trechos como “Foi justamente influenciada pelos vídeos [...]” que a fez “[...] se interessar pela primeira vez pelos livros” (Machado, 2024). Estes recortes evidenciam outra vez a finalidade propagandística do discurso midiático, no que se refere à visada miserabilista de captura e espetacularização da infâmia. Esforçando-se para disfarçar seus objetivos, indivíduos de classes sociais menos favorecidas – geralmente ocupadas por negros, pobres e minorias – são resgatados do anonimato e trazidos momentaneamente à luz do, e pelo, *espetáculo* para reforçar o propósito geral de transformação de suas forças mais dinâmicas.

Nota-se, ainda, como no caso da *booktoker* (figura 4), o sintomático apagamento da escola e dos professores das memórias de leitura, uma regularidade que contraria, em certa medida, a hipótese lançada por Chartier (2020, p. 150). De acordo com essa possibilidade, leitores que nasceram em um mundo sem livros adotam o padrão narrativo que atribui à escola uma posição de centralidade em sua trajetória leitora. Nessa situação, no entanto, a súbita transformação em leitora é influenciada pelos vídeos da plataforma. A sensibilização gerada pela imagem reafirma o poder do visível na direção do comportamento de compra. Esse mecanismo autorreferenciado está na base do funcionamento da plataforma BookTok como porta de entrada para o mundo letrado, segundo as categorias do ver, gostar, comprar e ler.

Os comportamentos e categorias do pensar envolvidos nessa corrente giram em torno de uma voragem informacional sem precedentes, cujos efeitos assistimos em todos os âmbitos da vida diária. Então, quando pensamos nas mudanças em curso na leitura, as novas possibilidades abertas na vida em rede, e as habilidades requeridas no domínio digital, devem ser exploradas levando-se em conta os riscos incidentes dessa associação para a atenção sustentada e o pensamento crítico. Entre eles, destacamos o agravamento da separação viabilizada pela captura do discurso de promoção dessa prática pelas forças do *espetáculo*. Notadamente, pelo investimento na formação de um consenso geral alheio às questões sociais referentes ao exercício da leitura como direito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já sinalizam outras pesquisas, a discursivização midiática ressoa “certos consensos histórica e conjunturalmente constituídos que perduram em relação ao enunciável” sobre a leitura e o ser leitor (Curcino; Manfrim, 2020, p. 901). Essa marca se

mantém nos dizeres da mídia sobre o *BookTok*, rede social de “leitores” envolvida em uma atmosfera novidadeira, que sondamos como balão de ensaio para as mudanças em curso na leitura. Do quanto enunciado na matéria analisada, identificamos a continuidade de uma posição enunciativa homogeneizante de diferentes práticas leitoras e razões de ler, que aplaina as fronteiras da leitura literária, em particular as que separam uma atividade de fruição (aqui reconhecendo sua importância) daquelas formas que ultrapassam essa finalidade. Observamos que essa visada legítima, sem ressalvas, práticas típicas das redes sociais, entulhando positivamente no corpo de uma linguagem eufórica e ligeira, enquanto permanece silente sobre limitações e riscos do acontecimento que o encampa.

Entre as questões que a espetacularização midiática não mostra, destacamos o predomínio do gênero feminino no ambiente da plataforma. Essa regularidade está reproduzida em quatro marcas imagéticas no texto, das quais três são empregadas em sentido positivo, representando um modelo de “leitor visível” a partir da figura feminina jovem. A quarta, por oposição, disfarça uma estética replicada. O gênero, portanto, emerge como uma chave interpretativa da dinâmica ambivalente da comunidade de leitores *BookTok*, característica que merece aprofundamentos em novos estudos. Se, como apontam as evidências, a leitura nessa *bookrede* for uma prática eminentemente feminina e voltada ao entretenimento, o produto da transformação propagandeada pela mídia é, como desconfiamos que seja, mais restrito do que se coloca.

A partir desse recorte, frisamos um possível desdobramento para a formação de leitores na escola: se, como sugere a análise, o interesse mais acentuado pela leitura junto ao público feminino reflete a realidade social, torna-se fundamental considerar as diferenças nos hábitos e gostos literários típicos de cada gênero na prática escolar. Isso, sobretudo, enquanto vigorar a tendência generalizada de que “meninas” gostam de ler romances, enquanto “meninos” preferem atividades práticas em detrimento da leitura. Nesse sentido, pensar alternativas pedagógicas para amenizar a refratariedade do público masculino ao discurso escolar de incentivo à leitura requer contestar discursos consensuais que ecoam no enunciável um ideário burguês e romântico do século XIX, segundo o qual a leitura literária é uma prática idealizada que serve ao entretenimento feminino (Ceccantini, 2016). Reconhecer essas particularidades pode representar um avanço na construção de propostas e atividades mais responsivas à realidade como ela é, tendo em vista a necessidade de garantir o acesso à leitura como um direito equitativo entre os gêneros e compromisso auto assumido entre o leitor e o texto.

Outro aspecto que identificamos nas enunciações foi a invisibilização da escola como um lugar de leitura e formação de leitores, em contraste ao destaque dado às redes sociais como espaço de promoção dessa prática, em particular ao *BookTok*. Esse traço soma-se à normalização do corpo negro e de baixa renda como leitor tardio, marca de uma sociedade hierarquizada e desigual como a brasileira. Embora não surpreenda, deveria causar estranheza a regularidade com que assistimos ao apagamento da instituição escolar pelas luzes do espetáculo midiático. Essa situação é agravada pelo gritante silêncio que habita tramas discursivas como a do *BookTok* sobre os problemas estruturais que comprometem a fruição desse direito. Desviar o olhar dessas questões contribui para normalizar o objeto livro como símbolo das desigualdades sociais, culturais e econômicas que distanciam um grande contingente de pessoas da leitura – indivíduos que não se reconhecem como leitores, tampouco veem essa prática como um direito. Para esses “não herdeiros”, os efeitos do apagamento sistemático da escola são decisivos

para manter as distâncias, divisões e hierarquias que os separam da leitura (Curcino, 2020a).

Nessas circunstâncias, tão importante quanto compreender o funcionamento de dispositivos como o BookTok e a discursivização midiática sobre a leitura, é criar condições para que os estudos discursivos da linguagem penetrem os muros da escola, e de seus recursos possam se apropriar professores e estudantes. Em vista de sua potência formativa, defendemos a incorporação dessa equipagem analítica ao fazer pedagógico, como condição essencial para a profundidade cognitiva e o trânsito social em um mundo possível. Uma vez habilitado a deslocamentos discursivos e politizados, o jovem leitor poderá transformar-se em um crítico de seu tempo, pronto para confrontar as verdades absolutizadas que circulam nos discursos e, assim, assumir os rumos da própria trajetória leitora, equipado com as necessárias ferramentas de auto-sócio-análise.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Pró-Livro. **Retratos da Leitura no Brasil**. 6. ed. Brasília, DF, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

CASARIN, R. **A pergunta que surge dos números**: homens são alérgicos a livros? São Paulo, UOL, 02 de outubro de 2024. Não paginado. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/pagina-cinco/2024/10/02/homens-livros-bienal-de-sao-paulo-leitores.htm>. Acesso em: 08 out. 2024.

CECCANTINI, J. L. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. **Retratos da Leitura no Brasil**, v. 4, p. 83-98, 2016.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão, 1988.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CHARTIER, R. **Um mundo sem livros e sem livrarias?**. São Paulo: Letraviva, 2020.

CHARTIER, R. **“O algoritmo é o contrário do desejo”**. Entrevista com Roger Chartier. Tradução de Cepat. Entrevista concedida a Juan M. Zafra. The Conversation: United Kingdom. Set. 2022. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/622297-o-algoritmo-e-o-contrario-do-desejo-entrevista-com-roger-chartier>. Acesso em: 02 ago. 2025.

CURCINO, L. Imprensa e discursos sobre a leitura: representações dos presidentes FHC, Lula e Dilma como leitores. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 16, n. Esp., p. 223-243, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-16-2223>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CURCINO, L. As emoções em discursos sobre a leitura: o orgulho e a vergonha de ser ou não leitor. In: ENANPOLL, 35, 2020, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANPOLL, 2020a. p. 465-473. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0290-1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CURCINO, L. Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 1, n. 57, p. 74-91, dez. 2020b. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.8874>. Acesso em: 12 jul. 2023.

CURCINO, L. Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. **Álabe – Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura**. Red Internacional de Universidades Lectoras, Almeria (Espanha), n. 25, jan./jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15645/Alabe2022.25.3>. Acesso em: 05 mai. 2023.

CURCINO, L.; CONTI, C. Cânones escolares e mashups literários: o incentivo à leitura por meio de adaptações fanfics. **Trab. linguist. apl.**, v. 62 n. 1, n. p. jan./abr. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318138666560v62i12023>. Acesso em: 02 fev. 2024.

CURCINO, L.; MANFRIM, A. Uma análise de discursos sobre a leitura presentes no canal “O mundo segundo Ana Roxo”. **Estudos Linguísticos**, v. 49, n. 2, p. 901-919, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2708>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, M. **O Governo de Si e dos Outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e tradução de Roberto Machado. 10. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

GREGOLIN, M. do R. V. Análise do discurso e mídia: reprodução de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11 p. 11-25, nov. 2007. DOI: <https://doi.org/10.18568/cmc.v4i11.105>. Acesso em: 10 maio 2024.

GREGOLIN, M. do R. V. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, n. 43, p. 06-25, mar. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i43.2633>. Acesso em: 10 maio 2024.

MACHADO, S. **BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers**. São José do Rio Preto, SP: BBC News Brasil, 16 janeiro 2024. Não paginado. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5mr3pdo>. Acesso em: 13 out. 2024.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Declaração de contribuição dos autores

Este artigo é uma produção conjunta das autoras em todas as etapas.

Declaração de uso de IA

As autoras declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial (IA).

Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas por suas contribuições para o aprimoramento do texto.

Artigo recebido em: 15/07/2025

Artigo aprovado em: 28/08/2025

Artigo publicado em: 29/10/2025

COMO CITAR

MAGALHÃES, M. A.; SANTOS, J. de J. A estética do leitor visível: uma análise do discurso midiático sobre a leitura no BookTok. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 14, p. 1-20, e02524, 2025.